



**SOLA FIDE**

**AINDA É IMPORTANTE!**

**A JUSTIFICAÇÃO É PELA FÉ SOMENTE?**

**MICHAEL REEVES  
& TIM CHESTER**



## **O Sola Fide ainda é importante!:** A Justificação é pela fé somente?

Trecho retirado do livro

*Por que a Reforma ainda é importante?*,

*Por Michael Reeves e Tim Chester*

Copyright © 2017 Editora Fiel.

•

Copyright © 2017 Editora Fiel.

Primeira Edição: Junho de 2017.

•

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTES LIVROS POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Diretor: James Richard Denham III

Editor: Vinícius Musselman Pimentel

Coordenação Editorial: William Teixeira

Diagramação: João Fernandes

Capa: João Fernandes

Ebook: João Fernandes



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

[www.editorafiel.com.br](http://www.editorafiel.com.br)

# Justificação

## Como podemos ser salvos?

A primeira biografia de Lutero foi escrita por seu amigo Philip Melanchthon, em 1549. Melanchthon nos conta que, depois que Lutero se graduou, começou a estudar Direito. Sua família e os amigos esperavam, com confiança, que o brilhante jovem Lutero desse uma grande contribuição ao patrimônio familiar, mas, em vez disso, ele entrou no mosteiro agostiniano.

Ao entrar ali, ele não somente se aplicou com máxima diligência aos estudos eclesiásticos, como também, com grande rigor na disciplina, exercitou o governo de si mesmo, e ultrapassava em muito todos os demais colegas na ampla gama de leituras e disputas, com zelosa observação de jejum e oração.<sup>1</sup>

Todos os seus esforços religiosos, contudo, não podiam dar qualquer segurança a Lutero. Quando morreu um amigo próximo, Lutero ficou aterrorizado pela ideia do juízo de Deus. E isso só se agravava diante da teologia da época.

A teologia medieval via o pecado como um problema do *ser* que demandava *cura*. E essa cura se passava mediante os sacramentos. Nesta vida, o cristão está suspenso entre a graça de Deus (mediada pelos sacramentos) e o juízo de Deus. A teologia medieval acrescentou ainda uma distinção entre graça *atual* e graça *habitual*. A graça atual dava o perdão dos pecados, desde que fossem confessados. A graça habitual, por sua vez, mudava as pessoas mais profundamente, em seu próprio ser – vencendo o problema do pecado original.

O problema de Lutero era que, como apenas os pecados atuais confessados eram perdoados, ele estava obcecado em não ignorar os pecados cometidos. E passava horas confessando a seu superior na ordem agostiniana, para, então, cor-

---

<sup>1</sup> Philip Melanchthon, *The Life and Acts of Martin Luther* (1549). Acesso em: 15 out. 2015. In <http://www.iclnet.org/pub/resources/text/wittenberg/melan/lifea-01.txt>.

rer de volta com algum novo erro de que se lembrava. A certa altura, seu superior lhe disse: “Olha aqui, irmão Martinho! Se tu vais confessar tanto assim, por que não fazes algo digno de se confessar? Mata tua mãe ou teu pai! Comete adultério! Mas para de vir aqui com ninharias e falsos pecados!”<sup>2</sup>

Em 1512, aos 26 anos, Lutero foi enviado por sua ordem como professor de estudos bíblicos à nova Universidade de Wittenberg. Foi ali, estudando Agostinho e ensinado os Salmos, Romanos e Gálatas, que Lutero chegou a uma compreensão radicalmente nova acerca do evangelho.

Destacar o desenvolvimento do pensamento de Lutero é notoriamente difícil. As novas convicções de Lutero levaram algum tempo até se formar. Há muito debate entre os estudiosos quanto ao que ele cria e quando veio a crer nisso. Assim, apresentaremos isso de forma simplificada, como um movimento duplo. É mais complexo que isso, com sobreposições significativas, mas essa forma nos ajudará a entender o que estava ocorrendo em termos teológicos.

## O primeiro passo de Lutero: justiça como um presente

Um momento-chave é conhecido como a “experiência da torre” de Lutero. A data é contestada, e pode ter tido um processo mais longo que um só momento do tipo “Eureca”. Lutero descreveu sua experiência da seguinte forma:

Enquanto isso, nesse mesmo ano de 1519, eu começara a interpretar novamente os Salmos. Senti confiança por ser agora mais experiente, tendo trabalhado em cursos universitários com as cartas de São Paulo aos Romanos, aos Gálatas e a epístola aos Hebreus. Havia concebido o desejo ardente de entender o que Paulo queria dizer em sua carta aos Romanos, mas, até então, eu era impedido, não pelo sangue frio de meu coração, mas por uma única palavra que se encontra no Capítulo 1: “A justiça de Deus é nela revelada”. Eu odiava a palavra, “justiça de Deus” (*iustitia Dei*), que, pelo uso e costume de todos os meus professores, fui ensinado a entender filosoficamente como referência à justiça formal ou ativa, como eles a chamam, ou seja, a justiça pela

---

<sup>2</sup> *Luther's Works*, 33:191, citado em Timothy George, *Theology of the Reformers* (Nashville: Broadman; Leicester: Apollos, 1988), 65.

qual Deus é justo e pela qual ele pune os pecadores e injustos.

Mas eu, monge irrepreensível que era, achava que, diante de Deus, eu era pecador com uma consciência extremamente perturbada. Não podia ter certeza se Deus havia sido aplacado por minha satisfação. Eu não amava; pelo contrário, eu odiava o Deus justo que castiga os pecadores. Em silêncio, se eu não blasfemava, certamente resmungava com veemência e ficava irado com Deus. E dizia: “Não basta que sejamos miseráveis pecadores, perdidos por toda a eternidade devido ao pecado original, sermos oprimidos por toda a espécie de calamidade por meio dos Dez Mandamentos? Por que Deus amontoa tristeza sobre tristeza mediante o Evangelho e, com o Evangelho, nos ameaça com sua justiça e sua ira?”. Era assim que eu me enfurecia com consciência indômita e perturbada. Constantemente, atormentava São Paulo com aquele pedaço em Romanos 1, desejando, ansiosamente, saber o que queria dizer com aquilo.

Meditava noite e dia nessas palavras até que finalmente, pela misericórdia de Deus, prestei atenção ao seu contexto: “A justiça de Deus é nela revelada, como está escrito: ‘O justo viverá pela fé’”. Comecei, então, a entender que nesse versículo a justiça de Deus é aquela pela qual a pessoa justa vive por dádiva de Deus, ou seja, pela fé. Comecei a entender que esse versículo quer dizer que a justiça de Deus é revelada pelo Evangelho, mas é uma justiça passiva, ou seja, pela qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, conforme está escrito: “O justo vive pela fé”. De repente, senti ter nascido de novo e entrado no próprio paraíso por seus portais abertos. Imediatamente, vi toda a Escritura por uma ótica diferente. Percorri, de memória, as Escrituras e descobri que outros termos tinham significado análogo, ou seja, a obra de Deus, que é o que Deus opera em nós; o poder de Deus, que nos torna poderosos; a sabedoria de Deus, com a qual ele nos torna sábios; a força de Deus, a salvação de Deus, a glória de Deus.

Exaltava estas minhas mais doces palavras: “a justiça de Deus” com tanto amor quanto antes eu as tinha odiado. Para mim, essa frase de Paulo era o próprio portal do paraíso. Depois disso, li *O Espírito e a Letra*, de Agostinho, onde encontrei o que eu não teria ousado esperar. Descobri que ele também interpretava “a justiça de Deus” de maneira similar, ou seja, como aquilo com

que Deus nos reveste quando nos justifica. Embora Agostinho tivesse dito isso de maneira imperfeita e não explicasse em detalhes como Deus imputa sobre nós a justiça, ainda assim eu me agradei por ele ensinar a justiça de Deus pela qual nós somos justificados.<sup>3</sup>

Em Romanos 1.17, Paulo escreve: “Porque no Evangelho a justiça de Deus se revela, de fé em fé, como está escrito: ‘Mas o justo viverá pela fé’”. Lutero não conseguia entender como essa justiça de Deus poderia ser *evangelho* – boas-novas. Parecia oferecer apenas ameaça de juízo. A lei não somente nos condena, como também o evangelho nos condena! “Porque *no Evangelho* a justiça de Deus se revela”. Mas Lutero começou a ver a justiça de Deus revelada no evangelho não apenas como uma *qualidade de Deus* – sua justiça imparcial, pela qual ele julga os pecadores. Em vez disso, ele a via como um *dom vindo de Deus*. A justiça de Deus é a justiça que ele nos dá para que sejamos justos diante dele. A justiça de Deus não é um atributo de Deus, que se coloca acima e contra a humanidade, julgando-nos com base em nosso merecimento. É o dom de Deus, pelo qual Deus declara que somos justos, ainda que em nós mesmos não o sejamos. Lutero diz:

[Paulo] diz que eles são todos pecadores, incapazes de glorificar a Deus. Eles devem, porém, ser justificados pela fé em Cristo, que mereceu isso por nós, através de seu sangue, e tornou-se para nós o trono de propiciação [compare com Êxodo 25.17; Levítico 16.14-15; 1 João 2.2] na presença de Deus, que perdoa todos os nossos pecados anteriores. Ao fazê-lo, Deus prova que é somente a sua justiça, *que ele nos outorga mediante a fé*, que nos ajuda, justiça que, no tempo determinado, foi revelada por meio do Evangelho e, antes disso, testemunhada pela Lei e os profetas.<sup>4</sup>

Esse primeiro passo no pensamento de Lutero vinha de uma consciência perturbada, criada pela teologia medieval, até a redescoberta do ponto de

<sup>3</sup> “Martin Luther Discovers the True Meaning of Righteousness”, um excerto de “Preface to the Complete Edition of Luther’s Latin Works” (1545), tradução de Andrew Thornton de “Vorrede zu Band I der Opera Latina der Wittenberger Ausgabe, 1545”, vol. 4 de *Luthers Werke in Auswahl*, ed. Otto Lemen, 6<sup>th</sup> ed. (Berlim: de Gruyter, 1967), 421-28.

<sup>4</sup> Martinho Lutero, “Preface to the Letter of St. Paul to the Romans”, trad. Irmão Andrew Thornton OSB. Acesso em: 9 out. 2015. Disponível em: [www.ccel.org/ccel/luther/prefacetoromans](http://www.ccel.org/ccel/luther/prefacetoromans) (ênfase adicionada); também disponível em [www.yale.edu/adhoc/etexts/luther\\_preface.html](http://www.yale.edu/adhoc/etexts/luther_preface.html).

vista de Agostinho – e a visão de Agostinho acerca do pecado. Lutero, então, passou a ver o pecado não simplesmente como uma fraqueza do ser ou falta do bem, mas como uma rebeldia contra Deus. Era um problema *relacional*. Além do mais, o homem *coram Deo* (diante de Deus) *não* tinha recursos. Lutero disse: “Se alguém desejasse sentir a grandeza do pecado, não seria capaz de continuar vivo por nenhum só momento, tão grande é o poder do pecado”.<sup>5</sup>

Porém, Lutero iria além de Agostinho. Agostinho dissera que, quando o pecador reconhece a própria necessidade de salvação, volta em fé para Deus. Deus lhe outorga o Espírito Santo, que, então, começa a transformá-lo. De acordo com essa visão de Agostinho, a justiça de Deus é o dom da *graça transformadora dentro de nós*. E a *justificação é o processo de cura* que o Espírito opera dentro de nós. Deus nos transforma de pessoas egoístas para pessoas cheias de amor, para que possamos obedecer a ele de todo coração. A justificação é um dom, mas ainda requer de nós um processo de mudança como nossa resposta.

## O segundo passo de Lutero: justiça externa

O segundo passo no pensamento de Lutero o levou do pensamento agostiniano para uma posição distintivamente evangélica. Se esse primeiro passo do pensamento foi uma redescoberta de Agostinho, o segundo movimento pode ser visto como uma redescoberta de Paulo. Lutero passa a ver que “justificar” não significa *tornar* justo ou mudar uma pessoa, mas *reconhecer ou considerar como* justo, declarar justo, absolver. A justificação trata de meu *status* diante de Deus, e não daquilo que Deus faz *dentro de mim*.

A teologia medieval pensava na graça como uma qualidade que atua *dentro de nós*. A justiça nos seria dada para que nos tornássemos justificados. Seríamos curados pela graça de Deus, para que estivéssemos retos diante dele.

Porém, Lutero dizia que a graça não era alguma “coisa” trabalhando dentro de nós, e sim o favor imerecido de Deus operando em nossa direção. A causa da justificação é a justiça de Cristo fora de nós. Não é algo inerente às pessoas nem pertencente a elas em qualquer sentido. É extrínseca, e não

5 D. Martin Luther's Werke: Kritische Gesamtausgabe (Weimar: Böhlau, 1833-), 39:210. Citado em Paul Althaus, *The Theology of Martin Luther* (Filadélfia: Fortress, 1966), 142.

intrínseca. Lutero falava de Deus aceitar a justiça de Cristo como a nossa justiça, ainda que ela seja alheia à nossa natureza. Somos declarados justos não com base em um processo futuro e gradual de cura, mas com base na obra concluída de Cristo.

Melanchthon, em especial, desenvolveu a ideia de justiça extrínseca de acordo com a ideia de “imputação” (embora Lutero também tenha empregado esse termo na descrição de sua experiência na torre). A teologia medieval (e a de Lutero logo no início) dizia da manifestação, ou da infusão, de justiça que efetuava nossa justificação. Mas Melanchthon falava da justiça de Cristo como tendo sido “imputada” a nós – ela é reputada por Deus como sendo nossa. Nossos pecados não são removidos, mas não são contados contra nós. A justificação, portanto, não trata de Deus *nos fazer* justos, mas de nos *declarar* justos. Essa é a linguagem de um tribunal de justiça, e não de um hospital. A justificação não é um processo de cura, mas uma declaração de que temos uma posição justa e positiva diante de Deus.

## Pela fé somente

Dessa forma, somos declarados justos pela *fé somente*. Lutero via as pessoas como passivas nesse processo da justificação. Não podemos dar início ao processo. Não temos esse poder e estamos escravizados. Nada temos com que contribuir para nossa salvação. Assim, a justificação é – e somente pode ser – pela fé e somente pela fé. Aqui, a fé, é *fiducia*, “confiança ou dependência pessoal”. No período medieval, com frequência a fé era vista como uma virtude (no sentido de “fidelidade” ou “lealdade”). Para Lutero, fé é simplesmente tomar posse de Cristo. É receber o que Cristo fez.

Se alguém pensa que tais distinções são sutis ou que as diferenças em relação ao catolicismo são exageradas, considere as declarações feitas no Concílio de Trento (1545-1563). O Concílio de Trento foi a resposta do catolicismo à Reforma, resposta da qual nunca se retratou. Essa resposta era bastante explícita em sua condenação da justificação somente pela fé:

Se alguém disser que pela fé somente os ímpios são justificados, de modo tal



que nada mais se requeira para cooperar com o recebimento da graça da justificação, e que não é necessário que um homem esteja preparado e disposto pelo mover de sua própria vontade, que seja anátema (Seção 6, Cânone 9).

Se alguém disser que a fé justificadora nada mais é que a confiança na misericórdia divina que perdoa os pecados por amor de Cristo; ou que nós somos justificados somente por essa confiança; que seja anátema (Seção 6, Cânone 12)

O contraste com Lutero é brutal. Lutero diz: “Se a fé não estiver em tudo, até mesmo nas menores obras, ela não justifica; na verdade, nem mesmo ela é fé”.<sup>6</sup> Lutero, conforme veremos, dizia claramente que a fé continua produzindo boas obras na vida da pessoa. Mas qualquer esperança de salvação com base nas boas obras, ainda que parcial, nega a adequação de nossa única e verdadeira esperança: Jesus Cristo.

Como, no catolicismo, a salvação depende de fé acrescida de obras, o concílio negou a possibilidade de assegurar a salvação. Para os reformadores, expressar segurança é jactar-se de Cristo e de sua obra acabada. Para o catolicismo, expressar segurança era motivo de orgulho e presunção em suas próprias boas obras.

Se alguém disser que um homem nascido de novo e justificado está ligado pela fé a crer que certamente ele faz parte do número dos predestinados [...] e que ele possui o dom da perseverança até o fim (a não ser que tenha aprendido isso por revelação especial); que seja anátema (Seção 6, Cânones 15-16).

Recentemente, os contribuintes católicos às discussões ecumênicas têm feito declarações sobre a justificação pela fé que alguns evangélicos se julgam capazes de afirmar. Porém, tipicamente falta a essas declarações precisão quanto às principais questões da Reforma. Estão muito aquém de um repúdio relativo a anátemas contrários à teologia reformada feitos no Concílio de Trento.

---

<sup>6</sup> D. Martin Luther's Werke, 7:231. Citado em George, *Theology of the Reformers*, 71.

## Ao mesmo tempo justo e pecador

No início, Lutero pensava nos cristãos como parcialmente pecadores e parcialmente justos. A frase em latim é *simul iustus et peccator*, “ao mesmo tempo justo e pecador”. Lutero continuou a empregar essa frase, entendendo-a, porém, de outra forma. Ele acrescentava a palavra *semper*, “sempre”. O cristão era *sempre* justo (quanto ao status) e *sempre* pecador (no estilo de vida). Não estamos em um processo gradual de uma coisa a outra. Somos pecadores porque permanecemos nos antigos hábitos pecaminosos. Mas já aparecemos diante do trono do juízo de Deus e fomos declarados justos.

Somos, na verdade, totalmente pecadores, no que diz respeito a nós mesmos e ao nosso primeiro nascimento. De modo contrário, conquanto Cristo tenha sido dado por nós, somos totalmente santos e justos. Daí, em diferentes aspectos, diz-se que somos justos e pecadores ao mesmo tempo.<sup>7</sup>

## Resumo

Podemos resumir a teologia de Lutero sobre a justificação da seguinte forma:

1. A justificação é um ato forense mediante o qual um crente é *declarado* justo. Não se trata de um processo pelo qual alguém é tornado justo. “Forense” significa legal – invoca a imagem de um tribunal de justiça. Envolve uma mudança de status, e não uma mudança de natureza.
2. A causa da justificação é a justiça alheia de Cristo. Não é inerente à pessoa nem se diz pertencente a nós por qualquer sentido. É-nos “imputada” ou atribuída a nós. Não é “transmitida” nem derramada dentro de nós.
3. A justificação se dá somente pela fé. Não contribuímos com nada para ela. Cristo já realizou tudo por nós.
4. Como a justificação é um ato de Deus e se baseia na obra completa de Cristo, estamos seguros. A justificação tem uma orientação futura: é a absolvição no dia do juízo. Mas a justificação também representa segurança no presente de que o veredicto final nos será favorável.

---

<sup>7</sup> D. Martin Luthers Werke, 39:523, citado em George, *Theology of the Reformers*, 71.

Visão luterana da justificação	Visão católica de justificação
um ato forense	um ato de cura
a imagem de um tribunal de justiça	a imagem de um hospital
justiça alheia (de Cristo)	justiça inerente (dentro do crente)
imputada	transmitida
pela fé somente	começa pela fé e continua pelos sacramentos e as boas obras
justificados agora com base na obra completa de Cristo	justificados agora com base naquilo em que nos tornaremos
futuro garantido	futuro incerto

## Justificação e Santificação

Erasmus, grande estudioso humanista, objetou a tudo isso, dizendo: “Os luteranos buscam somente duas coisas – riquezas e esposas [...] para eles, o evangelho significa o direito de viver conforme querem”.<sup>8</sup> Noutras palavras, toda essa conversa de justificação somente pela fé seria simplesmente uma desculpa para se levar uma vida decadente. Porém, Lutero argumentaria fortemente que, conquanto não sejamos *justificados* pelas obras, as obras devem *seguir* a fé como seu fruto. A fé salvadora sempre será ativa em amor. Esse amor não se expressa em deveres religiosos a fim de ganhar méritos diante de Deus, mas no serviço prático ao próximo. Somos libertos do peso da autojustificação para servir uns aos outros em amor. No sistema medieval, buscava-se a justificação retirando-se do mundo para um monastério, no qual o tempo seria gasto em confissão e disciplina religiosa. Justificação pela fé queria dizer que a pessoa estava livre para sair para o mundo e gastar seu tempo servindo ao próximo, sem ficar sempre olhando por cima do ombro para ver o que Deus estaria pensando dela.

<sup>8</sup> P. S. Allen e H. M. Allen, eds., *Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami* (Oxford: Oxford University Press, 1928), 7:366, carta (n. 1977), de 20 mar. 1528, para Willibald Pirkheimer, citado em George, *Theology of the Reformers*, 72.

Havia, contudo, algumas diferenças entre os reformadores. Melanchthon e o luteranismo mais tardio estabeleciam distinção marcante entre justificação e santificação (aqui, “santificação” é o termo teológico para nosso crescimento em santidade e gradual transformação à imagem de Cristo). Queriam resguardar-se contra a ideia católica de que a justificação começa na regeneração e se completa pela santificação. O próprio Lutero não fazia uma distinção tão intensa assim. Martin Bucer (1491-1551), teólogo franco-suíço, da região da Alsácia, e um dos formadores da tradição reformada, pensava em uma “dupla justificação”: primeiro, na “justificação primária”, somos *declarados* justos mediante a justiça imputada de Cristo, e, segundo, pela “justificação secundária”, somos *tornados* justos – uma atividade que inclui o esforço humano.

João Calvino – principal formulador da tradição reformada – tinha um conceito claro da justificação forense ou legal. Porém, ele evitava estabelecer forte distinção entre justificação e santificação (ou justificação secundária), colocando ambas sob o conceito anterior e sob o arco da união do crente com o próprio Cristo pela fé. Assim, embora Calvino chamasse a justificação de a “principal dobradiça sobre a qual gira a religião” e a “soma de toda piedade”,<sup>9</sup> ele lidava com a justificação nas *Institutas* sob o tópico do Espírito Santo. Justificação e santificação são, ambas, frutos que fluem de nossa união com Cristo, que experimentamos mediante o Espírito. Calvino, assim, recupera a dimensão relacional de Lutero, enquanto protege a natureza legal da justificação tornada explícita por Melanchthon.

## A justificação ainda é importante?

Então, a justificação ainda é importante? A resposta tem de ser um retumbante “sim”. Nada tem maior importância do que a justificação somente por Cristo e somente pela fé. Se a justificação pela fé parece óbvia para você, foi por causa de Lutero. Mas não podemos simplesmente presumir o seu legado.

Houve muitas tentativas no sentido de mudar o terreno central do cristianismo para outro lugar. Porém, resta o fato de que o maior problema para a humanidade é a justiça de Deus. Deus se dedica a julgar o pecado. Isso quer dizer que ele tem o

---

<sup>9</sup> Calvino, *Institutas*, 3.11.1, 3.15.7.

compromisso de julgar o *meu* pecado. Esse é nosso maior problema, porque significa uma eternidade excluída da glória de Deus.

É esse o argumento de Paulo em Romanos 1.18-3.20. Passo a passo, Paulo estabelece o fato de que somos todos culpados. Romanos 2.5 diz: “Mas, por tua dureza e por teu coração não arrependido, entesouras para ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus”. Ele chega a essa conclusão em Romanos 3.20: “já que, pelas obras da Lei, nenhum ser humano será justificado diante dele; porque, por intermédio da Lei, vem o conhecimento do pecado”. O cristianismo traz muitas bênçãos. É certo que os cristãos se envolvam na busca pela renovação de seu entorno e por justiça social. Mas, se um dia o justo juízo de Deus for revelado, e, nesse ínterim, estivermos armazenando a ira de Deus sobre nós, se ninguém puder ser declarado justo por sua própria justiça, então todas as pessoas da terra enfrentam um gigantesco problema: o juízo de Deus. Esse problema torna pequenos quaisquer outros problemas que possamos enfrentar. Portanto, nada tem maior importância do que a justificação.

É por isso que Lutero descreve a justificação como “o resumo da doutrina cristã” e “o artigo pelo qual a igreja permanece de pé ou cai”.<sup>10</sup>

Não é apenas no nível doutrinário ou eclesiástico que isso tem tanta importância. Trata-se de uma doutrina profundamente pessoal. Toda vez que eu peço, crio uma razão para duvidar que fui aceito por Deus, e questiono meu futuro com Deus. Porém, dia após dia, a doutrina da justificação fala de paz à minha alma.

Isso é especialmente verdadeiro quanto à justiça imputada. Se a justificação descreve um processo de mudança, como ensina o catolicismo, ainda que seja iniciado pela graça, todo revés lança uma dúvida sobre meu futuro. Mas, se fui feito justo diante de Deus mediante a obra completa de Cristo, nada poderá desfazer essa realidade. Assim, posso ter segurança, mesmo em face do meu pecado.

Paulo leva seu argumento da justificação pela fé em Romanos 1-4 ao clímax em 4.25: “[Jesus, nosso Senhor] o qual foi entregue por causa de nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação”. O que ele diz em seguida? Qual a consequência de nossa justificação? Paulo continua: “Justificados, pois,

<sup>10</sup> Douglas J. Moo, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996), 242, diz que os luteranos, mais tarde, inventaram esse lema e que Lutero teria dito: “Se esse objeto está de pé, a igreja fica de pé; se cair, a igreja cairá” (Lutero, exposição do Salmo 130.4).

pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por meio de quem obtivemos também entrada, pela fé, nessa graça na qual estamos firmes; e gloriamos-nos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5.1-2). Justificação é o que lembra que temos paz com Deus e a esperança da glória. Precisamos dessa lembrança não somente no dia de nossa conversão, mas dia após dia.

As pessoas deste mundo estão em uma missão: a missão de provar a si mesmas. Talvez a maior razão pela qual as pessoas estejam ocupadas demais é porque tentam provar a si mesmas. Estar ocupado tem-se tornado uma marca de honra em nossa cultura. Veja, por exemplo, uma expressão como: “Sou um homem muito ocupado”. O que isso quer dizer em nossa cultura? Não quer dizer: “Minha vida está fora de controle”. Quer dizer: “Sou uma pessoa muito importante – você me deve respeito”. O resultado é um nível de exagero de trabalho que prejudica nossa saúde e nossos lares.

Não precisamos do aniversário de quinhentos anos da Reforma para falar às pessoas sobre a justificação. Todo dia você encontrará gente que tenta provar a si mesma. Algumas pessoas estão tentando provar-se para Deus. Muitas tentam provar-se para os outros, a fim de estabelecer a própria identidade. E todas essas tentativas fúteis de autojustificação esticam as pessoas até o ponto de serem quebradas.

E, diante de todo esse frenesi, Jesus diz: “Vinde a mim [...] e eu vos aliviarei” (Mateus 11.28). Temos boas-novas para nossa cultura ocupada demais. Provar a si mesmo é só mais um termo para se justificar. E nós temos as boas-novas da justificação pela graça.

Se você estiver ocupado tentando provar a si mesmo, estará sempre ocupado. Nunca conseguirá terminar a tarefa – porque você não pode provar a si mesmo. Será como um cão correndo atrás do próprio rabo. Jesus disse na cruz: “Está consumado” (João, 19:30). O trabalho está feito. A tarefa está completa. A expiação é plena. Nada foi deixado para você fazer.

## Justificação na hinódia evangélica

A grande importância da justificação para os cristãos evangélicos pode ser vista em seu destaque no culto e na hinódia evangélica. Ao longo da história, é comum ver

os crentes evangélicos transformando a doutrina da justificação por Cristo somente pela fé em culto de adoração. Assim, está bastante claro que a justificação não é simplesmente uma doutrina que demarque a igreja verdadeira. Nem é apenas uma doutrina a ser pregada aos descrentes. É a fonte de conforto e esperança no meio das lutas da vida.

Temos inúmeras escolhas aqui, mas tomemos, por exemplo, “Jesus, Teu Sangue e Tua Justiça”, de Nicholas Von Zinzendorf (1700-1760), traduzido por John Wesley (1703-1791):

Jesus, teu sangue e tua justiça  
são minha beleza, minha veste gloriosa;  
em meio a mundos em chamas, nestes demonstrados  
com alegria, levantarei minha cabeça.

Quando do pó da morte eu me levantar  
para assumir meu lar além dos céus  
será este meu único rogo:  
Jesus viveu e morreu por mim.

Ousado, estarei de pé naquele grande dia  
E, por mais que tentem, ninguém pode me condenar;  
sou plenamente absolvido por ti  
do pecado e do temor, da culpa e da vergonha.

Ó, permita que os mortos agora ouçam tua voz;  
que os que se perderam em pecado venham a se regozijar!  
Esta é sua beleza, suas vestes gloriosas:  
Jesus, o teu sangue e tua justiça.

O irmão de John Wesley, Charles (1707-1788), expressou esse mesmo deleite em nossa justificação em seu famoso hino, “And Can It Be” (E pode ser assim?):

Nenhuma condenação agora temerei;

Jesus é meu, e tudo que nele há!  
Vivo nele, minha Cabeça Viva,  
Revestido de justiça divina,  
Corajoso, aproximo-me do trono eterno,  
E reivindico a coroa, por meio de Cristo, como minha.

Ou, finalmente, vejamos “Em nada ponho a minha fé”, de Edward Mote (1797-1874). Como os outros, ele encerra, de forma belíssima, a confiança que podemos ter diante de Deus em Cristo, em oposição a nosso próprio desempenho:

Em nada ponho a minha fé,  
senão na graça de Jesus;  
no sacrifício remidor,  
no sangue do bom Redentor.

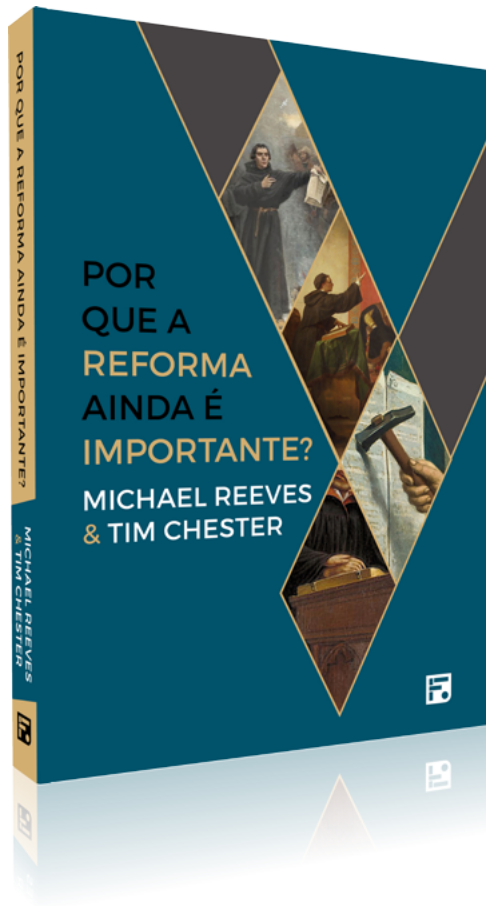
A minha fé e o meu amor  
estão firmados no Senhor,  
estão firmados no Senhor.

Quando a trombeta ressoar,  
Irei com ele me encontrar  
e com os salvos cantarei  
louvor eterno ao grande Rei!

Vestido somente em sua justiça,  
sem culpa estarei diante do trono;  
Sobre Cristo, a Rocha sólida, eu me firmo;  
todos os outros terrenos são areia movediça.



# APRENDA MAIS:





**FIEL 50 ANOS**  
REFORMA 500 ANOS

O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

**Visite nosso Website:**

**[www.ministeriofiel.com.br](http://www.ministeriofiel.com.br)**



O ministério Voltemos ao Evangelho nasceu com o grandioso intuito de proclamar o único e verdadeiro Evangelho, chamando a nação brasileira a voltar à centralidade da glória de Deus na face de Cristo e ao fundamento das Escrituras.

Disponibilizamos material multimídia, textos e vídeos gratuitos, sem restrição quanto ao uso pessoal ou ministerial, a fim de que Deus seja glorificado e a Igreja de Cristo, edificada.

**Para mais informações, acesse:**

**[www.voltemosaoevangelho.com](http://www.voltemosaoevangelho.com)**

